

Memórias de um sargento de milícias





MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Memórias de um sargento de milícias

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição crítica
do Instituto Nacional do Livro
preparada por Terezinha Marinho.

Apresentação de

Eliane Zagury

Sumário

Retrato divertido do Brasil 9

- I Origem, nascimento e batismo 15
- II Primeiros infortúnios 18
- III Despedidas às travessuras 24
- IV Fortuna 27
- V O Vidigal 29
- VI Primeira noite fora de casa 32
- VII A comadre 35
- VIII O Pátio dos Bichos 37
- IX O — arranjei-me — do compadre 40
- X Explicações 42
- XI Progresso e atraso 47
- XII Entrada para a escola 50
- XIII Mudança de vida 52
- XIV Nova vingança e seu resultado 56
- XV Estralada 60
- XVI Sucesso do plano 64
- XVII D. Maria 66
- XVIII Amores 71
- XIX Domingo do Espírito Santo 74
- XX O fogo no Campo 76
- XXI Contrariedades 79
- XXII Aliança 82
- XXIII Declaração 84
- XXIV A comadre em exercício 86

XXV Trama	89
XXVI Derrota	92
XXVII O mestre de reza	95
XXVIII Transtorno	98
XXIX Pior transtorno	102
XXX Remédio aos males	105
XXXI Novos amores	108
XXXII José Manuel triunfa	111
XXXIII O agregado	116
XXXIV Malsinação	119
XXXV Triunfo completo de José Manuel	122
XXXVI Escapula	124
XXXVII O Vidigal desapontado	127
XXXVIII Caldo entornado	130
XXXIX Ciúmes	132
XL Fogo de palha	135
XLI Represálias	137
XLII O granadeiro	141
XLIII Novas diabruras	144
XLIV Descoberta	149
XLV Empenhos	152
XLVI As três em comissão	156
XLVII A morte é juiz	158
XLVIII Conclusão feliz	162

Vida & obra 165

Resumo biográfico 181

Obras do autor 183

Obra da capa 187



Eliane Zagury

Tradutora e crítica literária, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Memórias de um sargento de milícias é um dos primeiros romances escritos no Brasil. Seu autor, Manuel Antônio de Almeida, era jornalista do *Correio Mercantil*, importante órgão de imprensa da época, que possuía um suplemento chamado *A Pacotilha*, em que colaboravam jovens talentos literários como José de Alencar, por exemplo. Era uso então — que se conservou ainda por muitas décadas — publicarem-se romances em capítulos nos jornais. Tratava-se do *folhetim*, avidamente acompanhado, gozado e sofrido pelo povo, antepassado dos filmes seriados e das novelas de rádio e televisão. *Memórias de um sargento de milícias* surgiu como folhetim de *A Pacotilha*, de junho de 1852 a julho de 1853.

Fez tanto sucesso que chegou a aparecer em livro pouco depois: o primeiro volume em 1854 e o segundo, em 1855. Traziam uma assinatura curiosa: “Um Brasileiro”. Entretanto, era mais que oportuna e significativa. Manuel Antônio de Almeida vivia um Brasil recém-independente, que procurava se afirmar como nação, arrastando cada indivíduo para esse aã. Ser brasileiro era sobretudo um compromisso enfaticamente assumido. E o brasileiro de *Memórias de um sargento de milícias* é claro, tomando a si a tarefa de reconstruir um passado recente que em muito facilitaria a compreensão e a definição do seu Brasil contemporâneo.

Não se trata, entretanto, de um romance histórico, que pretenda narrar fatos ou vidas de tonalidade heroica. É um romance de costumes, que vem a nos descrever a vida da coletividade urbana do Rio de Janeiro na época de dom João VI. Apenas um personagem é rigorosamente histórico, ou seja, existiu realmente: o major Miguel Nunes Vidigal (1745-1843) — que, como o temido major Vidigal, surge no romance como um homem comum, inserido na sociedade do seu tempo, vivendo toda sorte de problemas de uma existência normal.

Alguns biógrafos do autor localizam como seu informante principal um companheiro de redação, o velho Antônio César Ramos, ex-militar português que vivera no Brasil aqueles tempos descritos no romance. Tenha sido essa a sua única fonte ou não, o importante é observar que, por trás das divertidas cenas que nos são apresentadas, parece erigir-se um sólido arcabouço de informação digno de um folclorista e de um sociólogo. Ao contrário de seus contemporâneos que, descrevendo a vida do Rio de Janeiro, enobreciam-na com véus de retórica ou com a omissão de tudo o que não traduzisse a elite e o bom gosto, Manuel Antônio de Almeida nos faz conviver com todas as classes sociais em inter-relação e com costumes bons ou maus — descreve todas as indumentárias, de gala ou não, que possam significar vivência social; todas as festas de rua, de igreja e de família.

Dando preferência às situações coletivas, é natural que a psicologia dos personagens não seja muito desenvolvida. Entretanto, apesar de muitos não terem sequer nome, e sim funções (o compadre, a comadre, as velhas, etc.), eles não chegam a constituir tipos, pois o realismo a que aludimos, quando afetivamente carregado, leva mais à caricatura da situação que à caricatura do indivíduo, o qual se renova a cada passo, alternando papéis de sujeito e de espectador do ridículo.

O protagonista, Leonardo, é um indivíduo de personalidade muito pouco marcada. Guiado por certa habilidade intuitiva, desempenha atos que são mais confusos que conflitados. Abandonado por pai e mãe, parece ter a compensação de ser o bem-amado de todos os demais, por gratuita simpatia. Não é bom nem mau, como todos no livro. Alguns críticos quiseram aproximá-lo do pícaro, anti-herói de um tipo de romance predominantemente espanhol. Embora haja semelhanças em esboçar-se com o protagonista um quadro social bem amplo que não fica isento de crítica pesada, sendo tudo narrado com certo cinismo bem-humorado, cumpre lembrar que o pícaro é o mal-amado por excelência, escorraçado por todos e preocupado apenas em enganar o próximo, para arranjar o que comer. Ora, Leonardo contraria essas características.

Nenhuma de suas graças é de intenção malignamente aproveitadora, com o fim de matar a fome. É até bastante protegido, chocando a todos sua pouca preocupação em ganhar a vida. Além disso, o pícaro é um tipo e sua ação não permite hesitações: é sempre variante de um mesmo modelo que, uma vez estabelecido, não apresenta conflito. Em Leonardo é constante a hesitação em agir, sem nenhum modelo de conduta. É verdade que em criança suas travessuras são compulsivas, mas a maior parte do livro trata de sua adolescência e juventude.

Outro aspecto importante de *Memórias de um sargento de milícias* é a documentação da língua falada na época. Os diálogos, ao contrário dos de outros escritores contemporâneos ao autor, não sofrem nenhum amaneiramento, impondo-se por um coloquial filtrado e pitoresco. Observe-se que o estado de alerta do autor para as variações da linguagem falada parece ser extremo, pois chega a caracterizar um personagem, Vidinha, explorando sua maneira de falar. Ela inicia todas as frases com um *qual* usado como interjeição e ri com afetação na metade de qualquer enunciado.

Como consequência, o próprio estilo da narração é penetrado de elementos coloquiais que parecem funcionar sobretudo como carga de comicidade. E aí vale lembrar o tradicionalismo dessa estética, pois, embora alguns críticos tenham colocado Manuel Antônio de Almeida numa posição revolucionária e realista para a época, é preciso não esquecer que o elemento popular sempre foi tema cômico, segundo a retórica clássica. Não é, pois, de estranhar que os nossos dois grandes costumbristas românticos sejam este autor de que tratamos e o comediógrafo Martins Pena. O realismo revolucionário posterior o é exatamente pela seriedade “cientificista” com que trata seus temas, e não em razão dos temas propriamente ditos.

É de notar que a narrativa, por ter sido composta para ser lida de forma periódica no folhetim, apresenta alguns traços técnicos típicos, derivados das narrativas medievais de leitura periódica coletiva, como os enredos paralelos e alternados, que ainda hoje são base das telenovelas. Cada vez que o autor muda o foco da narrativa, faz uma chamada ao leitor, quase a lembrá-lo de que, apesar de tudo, aquele ainda é o mesmo folhetim. Essa técnica evoluiu no romance moderno para a supressão das chamadas e a adoção do “corte”, mais afim ao cinema e à televisão e mais sutil para uma nova concepção de leitura silenciosa, individual e mais contínua.

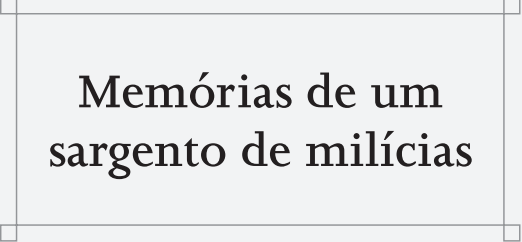
Hoje em dia, costuma-se entender por *memórias* uma narrativa em primeira pessoa, de fatos ou sentimentos do passado vividos pelo narrador. Naturalmente, desenvolveu-se também toda uma linha de romances em primeira pessoa, sob a forma de *memórias* fictícias. *Memórias de um sargento de milícias*, entretanto, com sua carga de verdade e sua carga de ficção, é uma narrativa em terceira pessoa. Isso tem acarretado não poucos mal-entendidos e interpretações estranhas, que chegam a achar que o título alude não ao sargento de milícias que se tornou Leonardo, mas a outro, ao amigo do autor, que lhe teria fornecido elementos para a história. Pessoalmente, tendo mais a acreditar que, ao tempo dos nossos românticos, o termo *memórias* tinha significado menos preciso, podendo designar qualquer tipo de narrativa de acontecimentos passados. Para tanto, lembro a existência de um

livro de Joaquim Manuel de Macedo, *Memórias da rua do Ouvidor*, que evidentemente não é narrado pela própria rua, que é, isto sim, o tema central dos casos antigos relatados, como o nosso sargento de milícias para Manuel Antônio de Almeida.

Sendo um livro assim tão afeito a controvérsias e de interesse cada vez maior, é de lamentar que não se apresente cercado de outras obras que, bem ou mal, sempre lhe trariam alguma luz. Manuel Antônio de Almeida escreveu *Memórias de um sargento de milícias* aos 21 anos de idade, falecendo aos trinta, sem deixar mais obra de ficção digna de nota. Tendo sido diretor da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, com o visível intuito de divulgar o gênero, compôs um libreto de ópera intitulado *Dois amores*, que só foi encenado no Teatro Lírico quatro dias após a sua morte. Escreveu também crônicas e poemas esparsos, que em nada ressaltam no ambiente literário de então, além de alguma crítica literária de pouca expressão. O que parece ter mais interesse é seu artigo polêmico contra o *Memorial orgânico* do historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, publicado no *Jornal do Comércio* em 12 de fevereiro de 1852.

O autor, de alguma forma coerente com as tendências que sua obra aponta, foi membro da diretoria da primeira sociedade carnavalesca do Rio de Janeiro, o Congresso das Sumidades Carnavalescas, fundado em 1855. Por outro lado, foi secretário da Sociedade Propagadora de Belas-Artes, que inaugurou em 1858 o Liceu de Artes e Ofícios (ainda hoje existente), onde deu aulas de geometria. Como se vê, Manuel Antônio de Almeida, médico e defensor de uma tese universitária na área médica, conviveu bastante com diversas vertentes culturais da sua época.

É preciso ainda mencionar que, de 1857 a 1859, foi administrador da Tipografia Nacional, onde parece ter tido um funcionário um pouco relapso, mas muito interessado em leituras, e a quem protegeu como amigo: Joaquim Maria Machado de Assis.



**Memórias de um
sargento de milícias**

Origem, nascimento e batismo

Era no tempo do rei¹.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — *O canto dos meirinhos* —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o *processo*.

Daí sua influência moral.

Mas tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que derivava de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, eram tipos, nos seus semblantes transluzia um certo ar de majestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana. Trajavam sisuda casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo

1 **era no tempo do rei:** o rei a que o narrador se refere neste início do romance é dom João VI (1767-1826), que veio para o Brasil com a família real e a corte portuguesa em 1808. (N.E.)

aristocrático espadim, e na ilharga direita penduravam um círculo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. Colocado sob a importância vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrível quando, ao voltar uma esquina ou ao sair de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquelas solenes figuras que, desdobrando junto dele uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remédio em tais circunstâncias senão deixar escapar dos lábios o terrível — *Dou-me por citado* —. Ninguém sabe que significação fatalíssima e cruel tinham estas poucas palavras! eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e afadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caixa da Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem-número de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoráveis Carontes, estavam à porta de mão estendida, e ninguém passava sem que lhes tivesse deixado, não um óbolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a última parcela de sua paciência.

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhil pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cinquenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa

Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal-apegoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

Chegou o dia de batizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas dúvidas: o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz; porém teve de ceder a instâncias da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adotado. Já se sabe que houve nesse dia função: os convidados do dono da casa, que eram todos d'além-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeça, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o minuete da corte. Foi aceita a ideia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antítese da sua; um colega do Leonardo, miudinho, pequenino, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeça; e o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recomeçar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia, e a brincadeira aferventou, como se dizia naquele tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajes do ofício, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zum-zum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha pátria. Foi nas saudades da terra natal que ele achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom português, que o era ele. A modinha era assim:

*Quando estava em minha terra,
Acompanhado ou sozinho,
Cantava de noite e de dia
Ao pé dum copo de vinho!*

Foi executada com atenção e aplaudida com entusiasmo; somente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, que obsequiou o pai como obsequiara ao padrinho, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. À Maria avermelharam-se-lhe os olhos, e suspirou.

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar através das rótulas da porta e janelas umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a última que saiu, deitando a bênção ao afilhado e pondo-lhe no cinteiro um raminho de arruda.



Primeiros infortúnios

Passemos por alto sobre os anos que decorreram desde o nascimento e batizado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de sete anos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta; era colérico; tinha ojeriza